



Pedro Heliodoro Tavares

VERSÕES DE FREUD

Breve panorama crítico das traduções de sua obra

T232V

Tavares, Pedro Heliodoro M. B. (Pedro Heliodoro de Moraes Branco)
Versões de Freud : breve panorama crítico das traduções de sua obra /
Pedro Heliodoro Tavares. - Rio de Janeiro : 7Letras, 2011.
146p. : 21 cm

ISBN 978-85-7577-894-4

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Psicanálise e literatura. 3. Psicanálise -
Crítica e interpretação. 4. Psicanálise e Tradução. I. Título.

11-8212.

CDD: 150.1952

CDU: 159.964.2

1. Freud, sua língua e suas traduções

- O Freud não me diria isso. (Diz o paciente)
- O que Freud diria tu não ia entender mesmo. Ou tu sabe alemão?

O Analista de Bagé, LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

DOMÍNIO PÚBLICO: NOVAS VERSÕES E DEBATE RETOMADO

O longo e intenso debate sobre os rumos do entendimento das propostas freudianas a partir de suas versões se vê atualizado em nossos dias. Como em 2009, setenta anos após a morte de Freud, sua obra entra em domínio público, temos agora uma liberdade praticamente irrestrita para o surgimento de novas e alternativas traduções. No caso do Brasil, dispunha-se até o momento da exaustivamente criticada *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, tradução indireta da *Editora Imago*. Cabe mencionar também a já há tempo esgotada edição da *Editora Delta*¹ do Rio de Janeiro, cuja versão ao português foi elaborada na década de 50 também de modo indireto, a partir de traduções francesas.

Atualmente, porém, com um século de atraso, surgem ao leitor brasileiro simultaneamente três novas versões de Freud sendo, desta vez finalmente, traduções diretas do idioma original:² o alemão. Esse que certamente pode ser considerado um fato histórico de tradução,

¹ Dada a sua menor influência e o fato de ser uma publicação há muito esgotada, ela não será aqui alvo de análises.

² O termo “original” para nos referirmos à língua em que um autor escreveu determinado texto não é mais considerado o mais adequado pelas mais modernas teorias da tradução, que preferem simplesmente “texto-fonte”. Entretanto, partindo do princípio de que os leitores potenciais deste livro sejam mais próximos de Freud e da Psicanálise que dos Estudos da Tradução, preferimos manter esta forma talvez um tanto anacrônica para alguns.

testemunhado a partir de 2010, apresenta claros atributos para a sua compreensão e também pontos fundamentais para reflexão e investigação.

O motivo fundamental deste atraso parece simples: a editora brasileira que possuía os direitos autorais que agora caem em domínio público era também detentora dos direitos da pioneira tradução de Strachey para o inglês. Esta mesma editora, a *Imago*, cinco anos antes do vencimento dos direitos de autor lançou em 2004 o volume inaugural de uma primeira tradução elaborada diretamente do alemão ao português (*Obras Psicológicas de Sigmund Freud – Volume 1 – Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*), a cargo de uma equipe coordenada pelo psicanalista Luiz Alberto Hanns.

Hanns já era uma referência nacional quanto a Freud e sua terminologia original desde seu *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*, publicado em 1996 pela mesma editora *Imago* do Rio de Janeiro. No caso da tradução de Hanns, o atraso parece ser compensado por um inédito zelo e minúcia marcados pelas exaustivas referências e notas, além de longa introdução (45 páginas) dedicada aos *Critérios de Tradução* ali adotados. Trata-se aí de um fato sem precedentes mesmo nas famosas traduções para o francês ou para o espanhol. No caso da tradução castelhana de Etcheverry que será aqui discutida, chegou-se a elaborar um breve livro adicional à edição da Editora Amorrortu sobre sua tradução, assim como os coordenadores da edição francesa da *Presses Universitaires de France* (PUF) também realizaram o volume adicional intitulado *Traduire Freud*. No entanto, nada disso é comparável ao que Hanns insere nos próprios volumes de suas traduções fazendo concorrer os comentários e notas finais com o volume do texto do autor traduzido.

Em paralelo, porém, o reconhecido tradutor brasileiro Paulo César de Souza vem há décadas preparando uma nova versão. Souza, que já duas vezes foi agraciado com o *Prêmio Jabuti* de tradução por suas versões ao português das obras de Brecht e Nietzsche, dedicou às traduções da obra de Freud sua tese de doutorado defendida na

Universidade de São Paulo em 1996. Esta última foi posteriormente publicada pela *Editora Ática* sob o título *As Palavras de Freud – O Vocabulário Freudiano e suas Versões* (1999). A tradução de Souza veio a lume somente em 2010 com três³ primeiros volumes (de vinte programados) publicados pela editora *Companhia das Letras* de São Paulo.

Uma terceira tradução da obra de Freud está a cargo de Renato Zwick, bacharel em filosofia e tradutor de autores filosóficos e literários de expressão alemã, pela editora *L&PM* de Porto Alegre. Também no ano de 2010 esta editora publica dois primeiros volumes da tradução de Zwick, desta vez de ensaios de Freud, a saber, *O Futuro de uma Ilusão* (*Die Zukunft einer Illusion*) e *O Mal-Estar na Cultura* (*Das Unbehagen in der Kultur*).

Temos, portanto, três traduções ocorrendo simultaneamente em três regiões distintas do país: Hanns, em São Paulo; Souza, na Bahia; e Zwick, no Rio Grande do Sul. Diante deste fato ímpar para os estudos de tradução já começamos a observar o efeito de intensos debates, criações de grupos de estudos, embates entre defensores de uma das três traduções, entre tantos outros fenômenos. A importância concedida de fato é compreensível já que se trata de um autor que fez do simbólico e da linguagem o centro da experiência humana. Alguém que influencia com sua obra de forma tão contundente os Estudos de Tradução, a Literatura, a Análise de discurso, entre outros domínios intelectuais relacionados à linguagem, certamente merece um criterioso debate a respeito de sua própria escrita.

Fora do Brasil também há novidades nesse campo, principalmente no que concerne às duas línguas mais influentes no cenário psicanalítico mundial, a saber, o inglês e o francês. Na Inglaterra a editora *Penguin* vem apresentando novas traduções sob a direção de Adam Phillips. Trata-se de uma proposta que visa recuperar em Freud seu valor literário em detrimento dos excessos tecnicistas da célebre *Standard Edition*, de Strachey. Esta última, por sua vez, está

³ No momento em que este livro foi finalizado, outros três volumes já haviam sido lançados, totalizando seis até meados de 2011.

sendo atualizada pelo “neuropsicanalista” sul-africano Mark Solms, que planeja a *Revisited Standard Edition*.

Na França, diante da também fortemente criticada edição da *Presses Universitaires de France* (PUF), surgem no momento de modo assistemático uma série de versões alternativas por três importantes editoras: *Éditions du Seuil*, *Garnier – Flammarion* e *Petite bibliothèque Payot* (ROUDINESCO, 2010). Na própria Alemanha, Ilse Gubrich-Simitis, reconhecida estudiosa dos manuscritos freudianos e colaboradora fundamental da principal edição alemã disponível, a *Gesammelte Werke*, estaria à frente de um projeto da *Edição Histórico-Crítica* das obras completas no original alemão (HANNS, 2003).

Nossa intenção aqui será revisitar as mais tradicionais e influentes versões estrangeiras, bem como lançar luz sobre o debate quanto a essas novas traduções, sobretudo as brasileiras. Procuraremos investigar o quanto estas últimas contribuirão para uma apreensão direta da obra de Sigmund Freud, com ou sem interferência de uma terceira língua ou edição. Visamos analisar as soluções encontradas para satisfazer certas necessidades de escolha, com as quais o tradutor tradicionalmente se depara ao estabelecer suas ênfases entre o estilo e a terminologia. Estas questões fundamentais estão abaixo enumeradas:

- *Adaptação ou recriação da terminologia*: Se Sigmund Freud pretendeu com sua obra fundar uma disciplina científica, torna-se difícil precisar o que deve ser elevado à categoria de conceito e que opções do vocabulário português (filosófico, médico, psicológico, etc.) deverão ser priorizadas em termos tais como: *Ich* (ego / eu), *Es* (id / isso), *Besetzung* (catexia / investimento / ocupação), *Verdrängung* (recalque / repressão / repulsão), *Vorstellung* (representação / ideia), *Angst* (angústia / medo / ansiedade), *Verwerfung* (rejeição / forclusão), *Zwang* (compulsão / coerção / obsessão), *Versagung* (frustração / impedimento), etc.
- *Adaptação ou recriação de estilo*: Se Freud é tido como o pai da Psicanálise e o inventor de uma disciplina teórica, não devemos

esquecer que ele foi agraciado com o *Prêmio Goethe*, em reconhecimento ao seu talento como escritor e ensaísta. Se a necessidade de uma precisão quanto a sua terminologia é largamente debatida a partir dos diferentes partidários do freudismo, a perda da fruição do texto e da elegância do seu estilo em decorrência dessa busca por um purismo torna-se um prejuízo, por vezes, ainda maior. Mister se faz, portanto, observar as estratégias de preservação ou reinvenção desse estilo.

- *Adaptação ou recriação tendo outras línguas ou edições como interdiscurso*: Se a tradição do freudismo no Brasil foi e é fortemente influenciada pelas leituras prévias de autores influentes a partir de outras línguas como o inglês, o francês e o espanhol (dada a forte tradição psicanalítica argentina), deve-se observar de que modo os tradutores sofrerão essa influência ou optarão realmente por explorar de forma inédita os recursos da língua portuguesa em si.

FREUD E A LÍNGUA ALEMÃ⁴

Não raro, nas Humanidades, deparamo-nos com termos alemães. Muitos certamente viram, ao longo de uma graduação em filosofia, sociologia, letras ou psicologia, algum professor escrever no quadro palavras de estranha pronúncia, tais como *Zeitgeist*, *Weltanschauung*, *Vorstellung*, *Leitmotiv*, *Bildungsroman*, *Entstehung*, *Vorhandensein*, etc. O emprego de muitos destes termos acaba sendo justificado pela “impossibilidade” de tradução, tal como, segundo afirmam alguns, seria impossível traduzir para qualquer outra língua a lusíssima palavra *saudade*.

⁴ Em sua concepção original, este livro trataria tanto do modo peculiar como Freud fez usos de recursos da língua alemã para a formulação de suas ideias e de sua obra escrita quanto das principais versões de sua obra. Acabamos optando por nos restringir à segunda parte da proposta, deixando as reflexões sobre o primeiro dos dois temas para uma publicação futura.

Até certo ponto, ficamos tentados a concordar com a jocosa afirmação de Caetano Veloso de que “Só [seria] possível filosofar em alemão”. Por certo, a filosofia de Heidegger só foi possível em alemão, já a de Hume, Montaigne, Kirkegaard e outros... Seriam estas possíveis no alemão? Certamente não. Isto é assim porque as línguas não são tão somente um repertório acumulado de signos substituíveis e analógicos. As línguas não são códigos, são *cosmovisões*. Por sinal, *cosmovisão*, este neologismo em nossa língua, parece dar conta muito bem do acima citado *Weltanschauung*, ainda que, é claro, não cause em português a mesma impressão de familiaridade.

Se para a Psicanálise o alemão nos interessa é antes por querermos dar conta dessa *cosmovisão* a partir da qual Freud formulou e expressou suas ideias. Freud, como nós, considerava o alemão uma língua estrangeira. Qual seria então sua língua materna? Talvez o iídiche, dada a sua ascendência judaica? Não, não foi e também não se trata disso. Certamente que sua ascendência judaica, sua condição de *outsider* em plena Viena da virada do século pode tê-lo auxiliado a chegar a certas conclusões quanto ao “estranhamento”, embora o que ele sugere em seu ensaio sobre o *Unheimliche* (FREUD, 1919) ou a *A Inquietante Estranheza* (uma tradução possível), é que todos falamos uma língua que nos é estrangeira.

Chama-se língua materna muitas vezes o idioma nacional que supomos familiar, mas que sempre nos é estranho até a naturalização de sua imposição. A língua mãe, *familiar* (heimlich), esta seria a protolinguagem ou *baby talk*⁵ desenvolvida entre mãe e criança, excluindo os demais de seu entendimento ou compartilhamento. Se seguirmos a proposta freudiana, estaríamos mais próximos de chamar *paterna* antes que *materna* a língua da cultura em que nos inserimos. As línguas nacionais, com suas regras e leis sintáticas, sempre são paternas já que, freudianamente falando, caberia ao *paterno* a interdição, a regulação e o limite.

⁵ O psicanalista Jacques Lacan, tratando de semelhante noção, denominou *lalan-gue* esta forma especial de linguagem.

A língua, assim como a cultura, nos é sempre estranha, ainda que nos atravesse e, muitas vezes, nos faça de brinquedo. É também através da língua, de seus recursos e limites, que alguém pode se expressar em sua singularidade. A linguagem é algo fundamental na psicanálise. Através dela institui-se o próprio procedimento analítico da fala e da escuta assim como foram construídos os postulados e conceitos teóricos que a fundam. O que se pretende aqui é, a fim de poder aproximá-las e discuti-las, trazer à tona algumas questões e mitificações que envolvem a “terminologia” alemã de Freud assim como suas possíveis e impossíveis traduções.

Na língua alemã em questão, assim como na grega, ambas as quais guardam tantas curiosas similitudes estruturais, parece que encontramos num só significante as acepções *estrangeiro* e *estranho*: *Fremd*, na primeira e *ξένος* (*xénos*), na segunda. Mas é justamente Freud quem nos lembra da importância e de quão familiar é isso que procuramos afastar de nossa existência (FREUD, 1919). Neste afastamento denegatório, seus tradutores foram mestres. Esta “maestria” teve muitas vezes por consequência fazer do vocabulário utilizado por Freud uma terminologia fechada e muito mais precisa e purista do que certamente pretendeu ou acreditou o próprio autor.

Se, parafraseando Michel Foucault, “a palavra é a morte da coisa”, o *termo* é a morte da palavra. *Termo* é, aliás, anagrama de *Morte* na nossa bela e última flor do Lácio. Não à toa diz-se que se “pôs a *termo*” o que acabou ou pereceu. As palavras fundamentais do vocabulário freudiano posteriormente comentadas ao longo deste livro (*Trieb*, *Ich*, *Es*, *Besetzung*, *Angst*, etc.), portanto, são de fato vocábulos corriqueiros da língua alemã que tiveram por Freud muitas vezes um uso bastante particular. Em relação a tais palavras, cabe uma grande discussão sobre quais poderiam ser elevadas à categoria de conceitos metapsicológicos.

Eis uma das grandes dificuldades impostas aos tradutores. Se na primeira tradução de Ballesteros ao espanhol quase nada foi tratado como conceito e a terminologia original encontra uma enorme

variabilidade, primando mais pela beleza e fluência do texto que pelo seu rigor, num outro extremo temos a recentemente concluída tradução francesa de Laplanche, Cotet e Bourguignon, que eleva à categoria estanque e invariável de conceito a mais corriqueira das palavras e pretende disseminar a ideia de que Freud teria desenvolvido uma linguagem muito peculiar para a psicanálise: o “idioma freudiano”.

Pretendemos, porém, antes de apresentá-lo como uma coleção de termos técnicos ou conceitos psicanalíticos, expor o vocabulário freudiano e seus usos na língua alemã. Pretendemos também apresentar os contextos nos quais Freud o emprega demonstrando que esse vocabulário sempre esteve muito mais próximo do popular ou *leigo* (para usar um termo de seu agrado) do que das lucubrações de jargões reservados a iniciados nos mistérios de uma ciência hermética ou elitista. O que Freud expressava numa linguagem familiar a qualquer germanófono, fazendo uso de seus recursos corriqueiros, autores de outra língua de expressão como Lacan, por exemplo, só obtiveram a partir de uma violação do código linguístico.

No caso específico do referido psicanalista francês que, aliás, tanto contribuiu para o debate sobre a tradução da terminologia freudiana, o recurso aos neologismos rendeu-lhe a fama de ininteligível e provocador. Enquanto o *parlêtre* (falaser) lacaniano só se forma a partir de uma invenção no francês, em alemão, Freud poderia expressar ideia semelhante com o significante *Sprachwesen* (ser da/de língua[gem]) que, ainda que estranho aos dicionários, não seria entendido nem como um neologismo, nem como um termo propriamente erudito. Retomando o quase chiste de Caetano: “Seria somente possível produzir Metapsicologia em alemão”?

É a partir deste recurso linguístico, recém-apontado em *Sprachwesen*, às palavras compostas (*Komposita*), que observamos a versatilidade da escrita freudiana em suas formulações tais como *Fehlleistung* (realização falha / ato falho), *Deckerinnerung* (lembança encobridora) ou *Gegenbesetzung* (contra-investimento / contra-ocupação). Com isso, noções que em português só se expressam a

partir de estrangeirismos eruditos tais como *hemisfério*, *antídoto* e *hidrogênio*, são expressas de modo muito mais direto em alemão: *Halbkugel* (*halb* = meia / *Kugel* = esfera), *Gegengift* (*gegen* = contra / *Gift* = veneno); *Wasserstoff* (*Stoff* = matéria / *Wasser* = água). Quer dizer, o que um falante de português só entende através de considerável nível de erudição está acessível ao entendimento de qualquer criança de expressão alemã em sua língua.

Freud fez uso destes recursos à exaustão, propondo novas ideias, como vimos nos exemplos acima. Com isso não transgrediu o código linguístico alemão, mas talvez o *status quo*. Seu *Seelenbehandlung*, por exemplo, não causa nenhuma estranheza linguística, a estranheza vem de fazer comunicarem-se domínios intelectuais tão apartados como os de *alma* (*Seele*) e *tratamento* (*Behandlung*). Diga-se de passagem, que em alemão a palavra *tratamento* (*Behandlung*) é derivada de mão (*Hand*). Como conceber algo como o “manuseio da alma”? Quer dizer: Freud nunca é difícil de se entender, é certamente difícil de se assimilar e aceitar.

Além do recurso da combinação de termos, sobretudo no caso dos substantivos, há também o do uso de afixos, tão corrente no caso dos verbos. Tal como ocorre no português com o verbo *pôr* que deriva para *propor*, *antepor*, *contrapor*, *supor* etc., ocorre, no alemão, com a quase totalidade dos verbos, esta matização com uma quantidade muito maior de prefixos. A título de exemplo, poderíamos tomar o verbo *stellen*, muito próximo de “pôr”. Deste verbo teríamos *abstellen*, *anstellen*, *aufstellen*, *ausstellen*, *bestellen*, *darstellen*, *durchstellen*, *einstellen*, *entstellen* e *erstellen*, antes de chegarmos à sexta letra do alfabeto em suas iniciais. Será semelhante o caso em termos-chave da psicanálise como *Drang* (pressão, ânsia) e seus correlatos verbos *drängen* e *dringen* (*andrängen*, *aufdrängen*, *durchdringen*, *eindringen*, *herausdrängen*, *nachdrängen*, *verdrängen*, *zurückdrängen*, etc.) com os quais Freud constrói uma intrincada e precisa rede significante.

Freud não somente foi um mestre das palavras, mas sobretudo um habilidoso usuário dos elementos funcionais e estruturais da sua língua de expressão, jogando com outros de seus recursos, tais como:

- o gênero neutro e sua impessoalidade e indeterminação em *das Unbewusste* (“o” inconsciente) *das Weib* (“a” mulher), *das Es* (o “Isso”) (ALTOUNIAN, 2003).

- a possibilidade de transformar qualquer classe de palavras em substantivos (distintos pela inicial maiúscula), caso do pronome *es*, que vira a instância psíquica *das Es* ou do adjetivo *unheimlich* que se torna o conceito *das Unheimliche*.

- as nuances dos verbos modais *müssen* (dever, com obrigatoriedade), *sollen* (dever, como recomendação), *dürfen* (poder, como permissão), *können* (poder, como capacidade), e *mögen* (poder, como possibilidade eventual), bem como de partículas que matizam os graus de certeza junto ao leitor (*wohl, doch, nun*) etc.

- A criação do suspense pela resolução do período com o verbo ao final da frase (tão bem analisada por Goldschmidt em *Quand Freud attend le Verbe – Freud e la langue allemande* 2).

Desde os *Studien über Histerie* (*Estudos sobre Histeria*), elaborado junto com Breuer, Freud apontava para a íntima relação entre as palavras e a experiência psíquica e somática:

A língua também reconhece esta diferença nas consequências psíquicas e corporais e designa de modo altamente característico o sofrimento tolerado em silêncio como uma “*Kränkung*” (ofensa/adoecimento).

(Die Sprache anerkennt auch diesen Unterschied in den psychischen und körperlichen Folgen und bezeichnet höchst Charakteristischerweise eben das schweigend erduldete Leiden als “*Kränkung*”). (FREUD & BREUER, 1895, p. 87)

Do mesmo modo que percebe e aponta o “saber da língua” ao designar “o que faz doente” (*krank*) pelo termo “ofensa” (*Kränkung*), Freud mostra, em outro exemplo, pinçado por seus tradutores franceses, como o saber popular linguageiro antecipa as conclusões psicanalíticas: “suas *queixas* (*Klagen*) são *acusações* (*Anklagen*)

(apud BOURGUIGNON et al., p. 18), passagem na qual Freud aponta, através do saber contido na linguagem, a necessidade psíquica de se encontrar culpados pelo sofrimento psíquico.

Como um último exemplo, citemos o famoso caso do, assim traduzido, *homem dos ratos*. Se Freud apresenta a *condensação* (*Verdichtung*) como um dos recursos fundamentais do inconsciente, não é preciso grande esforço para encontrar a relação desse termo com a *poesia* (*Dichtung*). No caso do *Rattenmann*, muito mais do que *ratos* é o que podemos encontrar na trilha do texto freudiano. Inicialmente atente-se ao fato de que a palavra composta pode designar tanto o *homem-dos-ratos* (vários animais que aparecem na história do suplício) como o *homem-rato* (possível identificação do paciente com o animal).

Por extensão quase homofônica, *Ratten* (ratos) se liga ao polissêmico verbo *raten* que, no caso, tem variadas conotações: *aconselhar-se*, com o médico; *adivinhar*, a causa de seus males junto ao investigador do psiquismo; *desvendar* enigmas como forma de solução ao sofrimento, tal qual num jogo de apostas do pai “rato-de-jogo” (*Spielratte*). Por derivações encontram-se imbricadas as questões do *casar-se* (*heiraten*) ou não com a jovem ou a filha do médico, do *trair* (*verraten*) a memória paterna e das *prestações* (*Raten*) referentes à inusitada dívida contraída pelo não pagamento dos óculos durante o exercício militar.

Em suma, se Freud tem no alemão uma escrita cristalina e de fácil acesso, ironicamente a sua maestria na língua e o sagaz uso de suas potencialidades reservaram aos seus tradutores peculiares dificuldades em transpor aos leitores de outras línguas a combinação de um rigor conceitual com a habilidade quase poética de um talentoso prosador. Este autor, de forma surpreendente em sua época e meio de expressão, sempre enxergou na estética uma aliada da razão e nunca uma inimiga para a construção de sua obra escrita; eis uma proposta de difícil tradução.

De fato, o trabalho com a obra de Freud e sua transposição a outras línguas impõe aos seus tradutores desafios de recomposição de uma escrita complexa e multifacetada. Ao longo do desenvolvimento de sua teoria e técnica de trabalho, assiste-se ao concomitante crescimento de Freud enquanto escritor. Sua preocupação em divulgar a Psicanálise serve como subsídio para o aprimoramento de uma estilística elaborada, porém acessível, aproximando-se de uma prosa científica. Ao mesmo tempo, suas obras como ensaísta e seus relatos de casos clínicos fazem enriquecer sua capacidade de escritor imaginativo (*Dichter*) (TAVARES, 2007, p. 98-9).

Conforme expõe Walter Schönau (1968) em sua tese *Sigmund Freuds Prosa – Literarische Elemente seines Stils* (*A Prosa de Sigmund Freud – Elementos Literários de seu Estilo*), fazia-se presente no criador da Psicanálise uma espécie de natureza dupla em sua escrita. Uma espécie de prosa científica (*Wissenschaftsprosa*), com aspectos de uma prosa-poético-imaginativa (*Dichtprosa*), mas que apelando para a sensibilidade do leitor, através de recursos literários, procuraria transmitir conhecimentos e invocar a razão. Aqui aludimos à “formação de compromisso” (*Kompromissbildung*) de Freud entre o racional e o estético.

Schönau, que exalta os dotes literários de Freud, de fato defende a tese de um Freud estudioso firmemente calcado na ciência, encontrando no belo estilo não mais que um poderoso recurso comunicativo. Para esse autor, surpreendentemente, deveria haver uma preocupação em não confundir o texto freudiano com uma peça literária. “Estou ciente de que a concentração sobre o estético-literário oculta o perigo da desfiguração” (SCHÖNAU, 1968 p. 32). Para Schönau, Freud não deve ser visto como escritor e sim como cientista. O “Literário” em Freud, “...trata-se aí de um fenômeno marginal” (idem).

Diferente e muito mais ousada é a visão de Walter Muschg, que já em 1930 – mesmo ano, aliás, em que Freud é agraciado com

o *Prêmio Goethe* em reconhecimento a sua obra escrita – publica o sugestivo ensaio *Freud als Schriftsteller* (*Freud como Escritor*), no qual sem negar seus dotes científicos apresenta-o como *Mestre da escrita*. Esse importante crítico literário suíço inicia seu ensaio dizendo que “O escritor Freud não pode ser separado do psicólogo...” e, sendo seu contemporâneo, conclui o estudo considerando o criador da Psicanálise “um dos mais impositivos autores da Literatura (*Schrifttum*) atual” (MUSCHG, 1930, p. 595).

Freud soube fazer do estilo ou dos estilos uma fundamental ferramenta da versatilidade que um novo saber requeria para chegar até seu leitor alvo. Nesse sentido, já se tornou célebre a lista de estilos elencada por seus tradutores franceses Laplanche, Cotet & Bourguignon (1989, p. 23-4):

- o filósofo e didata da metapsicologia;
- o dialético da *Psicologia das Massas*;
- o conferencista real ou imaginário das *Conferências* e das *Novas Conferências*;
- o ensaísta da *Recordação de Infância de Leonardo da Vinci*;
- o orador de *Recordações Atuais sobre a Guerra e a Morte*;
- o debatedor que encontra, em *Totem e Tabu* ou na *Análise de uma Histeria*, o movimento mesmo de uma reunião pública;
- o polemista da *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico*;
- o procurador que ajusta as contas com Jung, Adler ou Janet;
- o panegirista de Charcot;
- o biógrafo ou exegeta de Moisés;
- o memorialista de si mesmo (*Estudo Autobiográfico*);
- o prefaciador de ao menos quinze obras de confrades;
- o linguista de “o Inquietante” (*Das Unheimliche*);

- o poeta das horas de graça concedidas pela natureza (“A Transitoriedade”), pelo romance (*Grädiva*), pela comédia shakespeareana (“O Tema das Escolhas dos Cofrinhos”);
- o cronista de seus próprios sonhos ou de seus lapsos, inclinado à confidência ou à confissão;
- o dialoguista que sabe fazer falar tanto o pequeno Hans como o interlocutor parcial da “Análise Leiga”;
- o contador das “Lembranças Encobridoras”;
- o folhetinista da Viena burguesa, com suas ruas, suas moradias, seus pátios, suas escadas, suas alcovas;
- o miniaturista do “Bloco Mágico”;
- o humorista que gosta de ditos espirituosos e analisa aqueles dos outros;
- o mestre do aforismo, de todas as formas de imagens, comparações e metáforas, do paralelo, da citação que ele explora ou do exergo de que se apropria.”

Dizer que Freud era um talentoso escritor talvez em muito se deva a essa versatilidade, que impede qualquer sorte de definição estilística. Sendo na juventude um talentoso tradutor do inglês John Stuart Mill e de seus mestres franceses Jean-Martin Charcot e Hippolyte Bernheim, soube desenvolver a capacidade de “traduzir-se” em diferentes estilos e registros linguísticos na sua própria língua alemã. Tal seria um procedimento que se aproxima ora da tradução *intralinguística* (diferentes estilos na mesma língua), ora da *inter-semiótica*, (da linguagem onírica para a oral) na apreciação teórica clássica de Jakobson⁶ (1959, p. 190). Segundo sua teoria dos sonhos, as

⁶ Em sua classificação Jakobson nos apresenta três tipos de tradução:
 – tradução intralinguística ou reformulação: uma interpretação de signos verbais mediante outros signos do mesmo idioma.
 – tradução interlinguística: seria a tradução propriamente dita. É uma interpretação de signos verbais mediante outro idioma.

imagens oníricas, que estão associadas às *coisas* ou *representações de coisas* – serão *traduzidas*, a partir do processo secundário, na busca das palavras que *relatarão em transposição*, e com isso *interpretarão* o sonho como faz o decifrador de um *rébus*.

Pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho nos são dados como duas apresentações do mesmo conteúdo em *duas línguas diferentes*, ou melhor, o conteúdo do sonho aparece como uma *transposição* dos pensamentos de sonho em um outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas podemos conhecer através da *comparação do original com a tradução*. (Traumgedanken und Trauminhalt liegen vor uns wie zwei Darstellungen desselben Inhaltes in zwei verschiedenen Sprachen, oder besser gesagt, der Trauminhalt erscheint uns als eine Übertragung der Traumgedanken in eine andere Ausdrucksweise, deren Zeichen und Fügungsgesetze wir durch die Vergleichung von Original und Übersetzung kennen lernen können.) (FREUD, 1900, p. 283 grifo nosso).

Freud fará um uso muito particular dos recursos imagéticos da língua alemã para tratar justamente, pelo exemplo da narrativa envolvendo o sonho, da *transposição*, da *tradução* das imagens ao discurso. Tomando o sonho como a pedra de toque de sua empresa teórica e clínica, Freud fará da *tradução* precisamente a metáfora do processo analítico e é através dela que procura tão belamente se expressar em sua escrita.

Ponto fundamental e muito negligenciado é que seu conceito clínico mais fundamental, a *Übertragung* ou *transferência*, funciona em alemão no caso do trecho recém-citado como excelente sinônimo de *tradução* (*Übersetzung*). Quer dizer, tanto em teoria quanto na prática psicanalítica, modalidades nunca dissociadas uma da outra, percebe-se o elemento da busca pela *transposição*. Como o inconsciente do sonhador encontra outra linguagem de expressão que deve ser *interpretada*, também na clínica deve ser *interpretada* a transposição de afetos e situações da vida do sujeito ao divã e ao

– tradução intersemiótica ou transmutação: uma interpretação de signos verbais através de signos de sistemas não verbais.

setting analítico. *Interpretação* é, aliás, não por menor coincidência, em nossa língua portuguesa o termo utilizado para a *tradução oral consecutiva*. É o fazer da tradução entre a *fala* e a *escuta*, ao qual procedem de fato tanto o *analista* quanto o *intérprete*.

Víamos ao início deste capítulo que a versatilidade e erudição de Freud se destacam no estilo ou na escrita, porém, à diferença do que se poderia pensar, que a sua *terminologia*, os elementos fundamentais de sua metapsicologia, seus *Grundbegriffe* (conceitos fundamentais), eram muito mais “familiares” e “comuns” no contexto de sua cultura e língua de expressão do que se tende a imaginar a partir das traduções mais difundidas. Isso, aliás, para aqueles que têm contato com o seu pensamento no original alemão não é de se estranhar, uma vez que toda a problemática de sua obra e do tipo de “tratamento psíquico” que sugere incide sobre e volta-se para as questões da vida cotidiana (FREUD, 1901).

Em *Die Frage der Laienanalyse* (A questão da análise Leiga) (1930), o autor justifica também o fato de a psicanálise se valer de terminologia cotidiana e não de um jargão reservado a iniciados, justamente porque seria essencial que os beneficiários deste conhecimento (os analisantes) pudessem entender o que teriam a lhes dizer seus analistas. Se ele dizia que era necessário certo nível intelectual para se submeter à análise, estava se referindo à capacidade de abstração e de elaborar metáforas (de “traduzir-se” de um sistema psíquico a outro, em última análise).

Freud raramente quis fazer uso das chamadas “línguas clássicas”, do latim e do grego, como recurso de autoridade cientificista, tal como se observa em aspectos da erudita tradução inglesa de Strachey, conforme veremos. Freud nunca falou em *anáclise* (*anaclisis*), e sim em *apoio* (*Anlehnung*), nunca mencionou um neologismo de origem grega como *catexia* (*cathexis*), mas tratou de algo acessível como a ideia de *ocupação* ou *investimento* (*Besetzung*).

Desde a *Traumdeutung* (A interpretação dos Sonhos) (1900), Freud compara o analista a uma espécie de “decifrador de hieróglifos”

nos moldes de Champollion, que transpõe a linguagem do inconsciente a uma linguagem compreensível pela consciência. Tal como Champollion precisou de uma boa dose de ousadia, intuição e aposta para seu grande achado na decifração dos hieróglifos, o analista também precisará alimentar esse espírito, deixando-se levar pelas mensagens criptográficas do inconsciente e do desejo.

Jean Allouch (apud ESTEVES, 2007, p. 3) compara o feito de Champollion com um jogo de *batalha naval*, um “jogo onde as determinações dos valores das letras serão dadas pelas relações das letras com os lugares”. A isso Esteves acrescenta:

...não há dúvidas de que o analista também parte de suposições e começa a jogar às cegas, numa espécie de “certeza antecipada”. Em análise, também é necessário um momento de dizer “*touché*”, momento esse em que se confirmam suposições, agora já fundamentadas num certo saber textual sobre a língua do sonhador (2007, p. 3).

Nesta comparação, para citarmos Mahony em seu *Freud as a Writer* (Freud como Escritor), “o objetivo mais geral do analista é fazer, por meio de suas traduções, a transposição do que é inconsciente para o que é consciente” (1987, p. 7). Mahony, aliás, polemicamente defendia nesse mesmo livro que uma boa tradução de Freud seria uma “tradução psicanalítica” que procurasse levar em consideração o saber inconsciente contido na linguagem.

Traduzir a obra de Freud é, portanto, um jogo de multiplicação de imagens entre espelhos, mais do que isso, entre espelhos anamórficos, deformadores. Trata-se de tentar transpor a uma língua estrangeira o pensamento daquele que fez da tradução do inconsciente, através dos artifícios do simbólico, a sua obra. A tradução tem uma relação intrínseca com a psicanálise, criação freudiana, já que “os primórdios das relações humanas são de relações de tradução” (MONTEIRO, 2009, p. 43). O *infans* é lançado a uma terra incógnita e enquanto não se deixa inocular pela língua do outro, não pode fazer parte da cultura em que transita. Todos somos desde cedo forçados a exercer o ofício de tradutor intérprete lembrando que “a tradução

é sempre incompleta e cheia de falhas e tropeços como o próprio sujeito. A relação entre o tradutor e autor é conflituosa como a relação com o desejo ou a relação psicanalítica” (idem).

Em suma, parece que ao bom tradutor de Freud não bastaria ser exímio conhecedor do alemão e da língua de chegada. Não bastaria ser um sujeito intelectualmente capaz e instruído ou iniciado na teoria psicanalítica; há que ser talvez um sujeito psicanaliticamente advertido.